**17º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

São Charbel (José) Makhlouf, monge maronita libanês; Beato Cândido Castán San José, mártir espanhol

*Gen* 18, 20-32; *Sal* 137; *Col* 2, 12-14; *Lc* 11, 1-13

*Quando Vos invoco, sempre me atendeis, Senhor*

**COMENTÁRIO**

*Rezar na escola de missão de Cristo*

Tal como nos dois últimos domingos, também hoje o Evangelho nos coloca na escola de Cristo para aprendermos com Ele outro aspecto fundamental da vida de discípulos: a acção de rezar. Uso aqui intencionalmente o verbo e não o substantivo (oração), porque o ensinamento de Jesus sobre este assunto na passagem do Evangelho de hoje parece querer não tanto clarificar o conceito na mente dos discípulos, mas sim ajudá-los a desenvolver em si mesmos o hábito de rezar, como o praticava o Seu mestre. Não é por acaso que, de entre os evangelistas, apenas São Lucas sublinha que tudo começa com um contexto temporal particular: «Naquele tempo, estava Jesus em oração em certo lugar. Ao terminar, disse-Lhe um dos discípulos: “Senhor, ensina-nos a orar.”» A ocasião era, por isso, propícia para que o Mestre de Nazaré transmitisse aos Seus discípulos, com o Seu exemplo e as Suas palavras, os três aspectos essenciais a ter em conta quando rezassem.

*1. “Pai, venha o Vosso reino”: a prioridade de rezar pela vinda do Reino de Deus*

Em primeiro lugar, Jesus ensina os Seus discípulos a orar a Deus com um pequeno texto, mais tarde chamado na tradição cristã de *Oração do Senhor* ou *Pai-Nosso*. Ao contrário da versão do Evangelho de Mateus, usada na liturgia da Igreja, a de Lucas é mais curta e contém apenas cinco invocações (em vez das sete de Mateus): duas dizem respeito à realidade divina e três à realidade humana. Cada frase deste precioso e único texto de oração, que Jesus ensinou aos Seus discípulos, contém uma imensa riqueza que deve ser descoberta e aprofundada (convido-vos, por isso, a ler a parte dedicada ao *Pai-Nosso* no *Catecismo da Igreja Católica* [nos. 2803ss). Recordemos aqui apenas um aspecto, o mais importante, relativo ao seu carácter “missionário”.

De facto, em ambas as versões, após a invocação de Deus com a denominação de “Pai”, que coloca a pessoa orante numa relação filial particular com Deus, a oração começa com dois pedidos paralelos: o da santificação do Seu nome e o da vinda do Seu reino. São de certa forma complementares, porque onde Deus reina, o Seu “nome”, ou seja, Ele próprio, é “santificado” e “glorificado”, o que significa reconhecido como santo e adorado como tal (cf. *Catecismo da Igreja Católica,* n.º 2807). Nestas invocações iniciais, vislumbra-se o grande desejo pela causa de Deus que Jesus levava constantemente no Seu coração e que agora quer transmitir aos Seus discípulos. Ele próprio proclamou desde o início das Suas actividades públicas que “o reino de Deus está próximo” ou ainda melhor “aproximou-se” de modo dinâmico.

Deve ficar claro que a vinda do Reino de Deus não significa o estabelecimento de um território com fronteiras visíveis e controladas. Essa vinda implica antes a realidade/acção que Deus reina sobre o Seu povo e, geralmente, no coração dos homens e das mulheres, em linha com a tradição do Antigo Testamento (que usa a expressão verbal “Deus reina” muito mais frequentemente do que “reino de Deus”). Os mesmos textos do Antigo Testamento também expressam a expectativa do dia em que Deus virá reinar sobre tudo e todos. Deste modo, a invocação da vinda do Reino de Deus pede, na realidade, que Deus realize o Seu plano de salvação no mundo.

O *Pai-Nosso* é, portanto, acima de tudo, uma oração “missionária”. Aqueles que a rezam partilham o mesmo desejo de Deus, que é também o de Cristo, sobre a realização da *missio Dei*, a missão de Deus para a felicidade do homem, que agora atingiu a plenitude dos tempos com a vinda de Jesus. Aqueles que a rezam desejam também para si e para toda a humanidade o doce “jugo do reino”, que Deus reine nas suas vidas, bem como nas vidas de todos os homens e mulheres do mundo. Tal oração é, por excelência, a primeira acção missionária.

*2. Rezar com insistência e confiança filial*

Em segundo lugar, Jesus ensina a rezar a Deus com insistência (“impertinência”) e confiança filial. Fá-lo através de uma pequena parábola, que reflecte vários aspectos da cultura do Seu povo: a chegada de um amigo sem aviso prévio, “à meia-noite”, de uma viagem (não havia telemóvel naquele tempo!), o estar deitado na cama com ou perto das crianças (de acordo com a estrutura da casa na época), daí o medo de as acordar ao levantar-se, e sobretudo o facto estranho de o dono da casa não ter pensado na possibilidade de punir o seu amigo intruso chamando a “polícia”.

Em qualquer caso, como se pode ver pelo contexto literário, a insistência em rezar parece ser recomendada não tanto para satisfazer cada necessidade da pessoa orante (por vezes motivada apenas pelos seus desejos humanos), mas mais em vista do pedido das coisas essenciais que Jesus ensinou no *Pai-Nosso*, especialmente a invocação do reino. Esta perspectiva também vale para a declaração seguinte de Jesus (que foi muitas vezes mal compreendida e usada abusivamente): «Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei à porta e abrir-se-vos-á. Porque quem pede recebe; quem procura encontra; e a quem bate à porta, abrir-se-á» (*Lc* 11, 9-10). O que pedir, procurar, e a quem? A este respeito, há que recordar a própria recomendação de Jesus: «Procurai, primeiro, o reino de Deus e a Sua justiça; e tudo isso vos será dado por acréscimo» (*Mt* 6, 33).

*3. “O orar” todo orientado para o dom do Espírito Santo*

Por fim, Jesus conclui a Sua “catequese” sobre a oração com a indicação do Espírito Santo como o bem supremo a pedir e receber de Deus: «Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!» (*Lc* 11, 13). Isto já se vislumbra no paralelismo entre as “coisas boas” que um pai terreno sabe dar aos seus filhos e “o Espírito Santo” que o Pai celestial dará a quem Lho pede. A ideia emerge ainda mais clara, se compararmos esta versão do ditado de Jesus com a do evangelho de Mateus, que torna o ditado mais linear, mais lógico: «Ora se vós, sendo maus, sabeis dar *boas dádivas* aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus *dará coisas boas* àqueles que Lhe pedem» (*Mt* 7, 11).

Deste modo, o ensinamento de Jesus na versão Lucana é ainda mais rico, porque orienta tudo para o maior dom que Deus concede ao homem: o Espírito Santo que purifica, santifica e guia o homem na vida com Deus e em Deus. Onde está o Espírito, ali reina Deus; ali está presente o reino de Deus. Por isso, rezar pelo dom do Espírito Santo equivale na realidade a orar pela vinda do reino de Deus em nós mesmos. É também o Espírito que nos ajudará cada vez mais a entrar na relação filial com Deus que agora chamamos “*Abba!* Pai!” (cf. *Rom* 8, 15-16), tal como Jesus nos ensinou.

Peçamos, pois, que nos seja dado sempre e também hoje este dom supremo de Deus que é o Espírito Santo, com a certeza de que Deus, nosso Pai do Céu, no-l’O dará. E “guiados pelo Espírito de Jesus” possamos diariamente elevar ao Pai as invocações essenciais da *Oração do Senhor* com insistência e confiança filial, suplicando com particular força que o Reino de Deus venha entre nós. Amén.

*Citações úteis:*

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**

**2781.** Quando oramos ao Pai, estamos em *comunhão com Ele* e com o Seu Filho Jesus Cristo. É então que O reconhecemos num encantamento sempre novo. A primeira palavra da oração do Senhor é uma bênção de adoração, antes de ser uma súplica. Porque a glória de Deus é que nós O reconheçamos como «Pai», Deus verdadeiro. Damos-Lhe graças por nos ter revelado o Seu nome, por nos ter dado a graça de acreditar n’Ele, de sermos habitados pela Sua presença.

**2804.** O primeiro conjunto [das sete petições do Pai Nosso] leva-nos até Ele, para Ele: *o Vosso* nome, o *Vosso* Reino, a *Vossa* vontade! É próprio do amor pensar, em primeiro lugar, n’Aquele que amamos. Em cada um dos três pedidos, nós não «nos» nomeamos, mas o que nos move é o «desejo ardente», é mesmo «a ânsia» do Filho bem-amado pela glória de Seu Pai: «Santificado seja [...]. Venha [...]. Seja feita...». Estas três súplicas já foram atendidas no sacrifício de Cristo salvador, mas agora estão orientadas, na esperança, para o seu cumprimento final, enquanto Deus ainda não é tudo em todos.

**2807.** A palavra «santificar» deve ser entendida, aqui, antes de mais, não no seu sentido causativo (só Deus santifica, torna santo), mas sobretudo num sentido estimativo: reconhecer como santo, tratar de um modo santo. É assim que, na adoração, esta invocação é por vezes entendida como louvor e acção de graças. Mas esta petição é-nos ensinada por Jesus na forma optativa: um pedido, um desejo, e expectativa na qual Deus e o homem estão empenhados. Desde a primeira petição ao nosso Pai, mergulhamos no mistério íntimo da Sua divindade e no drama da salvação da nossa humanidade. Pedir-Lhe que o Seu nome seja santificado é envolvermo-nos «no desígnio benevolente que Ele de antemão formou a nosso respeito» *(Ef* 1, 9), para que «sejamos santos e imaculados diante d’Ele, no amor» *(Ef* 1, 4).

**2809.** A santidade de Deus é o foco inacessível do Seu mistério eterno. Ao que dela se manifestou na criação e na história, a Escritura chama *Glória,* a irradiação da Sua majestade. Ao fazer o homem «à Sua imagem e semelhança» *(Gn* 1, 26), Deus «coroa-o de glória», mas, ao pecar, o homem é «privado da glória de Deus». Desde então, Deus vai manifestar a Sua santidade revelando e dando o Seu nome, para restaurar o homem «à imagem do Seu Criador» *(Col* 3,10).

**Papa Francisco**, ***Audiência Geral,***Praça de São Pedro, Quarta-feira, **22 de Maio de 2019**

Podemos dizer que a oração cristã nasce da audácia de chamar Deus com o nome de “Pai”. Esta é a raiz da oração cristã: dizer “Pai” a Deus. Mas é preciso coragem! Não se trata tanto de uma fórmula, quanto de uma intimidade filial na qual somos introduzidos por graça: Jesus é o revelador do Pai e doa-nos a familiaridade com Ele. «Não nos deixa uma fórmula para ser repetida maquinalmente. Como em toda a oração vocal, é pela Palavra de Deus que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar ao Seu Pai» (*Catecismo da Igreja Católica*, 2766). O próprio Jesus usou diversas expressões para rezar ao Pai. Se lermos com atenção os Evangelhos, descobrimos que estas expressões de oração que afloram aos lábios de Jesus evocam o texto do “Pai-Nosso”. […]

Considerando o Novo Testamento no seu conjunto, vê-se claramente que o primeiro protagonista de cada oração cristã é o Espírito Santo. Mas não esqueçamos isto: protagonista de cada oração cristã é o Espírito Santo. Nós nunca poderíamos rezar sem a força do Espírito Santo. É Ele que reza em nós e nos move a rezar bem. Podemos pedir ao Espírito que nos ensine a rezar, pois ele é o protagonista, aquele que faz a verdadeira oração em nós. Ele sopra no coração de cada um de nós, que somos discípulos de Jesus. O Espírito torna-nos capazes de rezar como filhos de Deus, como realmente somos mediante o Baptismo. O Espírito faz-nos rezar no “sulco” que Jesus escavou para nós. Este é o mistério da oração cristã: por graça somos atraídos naquele diálogo de amor da Santíssima Trindade. […] Para rezar devemos fazer-nos pequeninos, para que o Espírito Santo venha a nós e seja Ele quem nos guia na oração.